

Orquesta Gulbenkian

Giancarlo Guerrero
Pablo Sainz-Villegas



26 + 27 mar 26

26 mar 26 QUINTA 20:00

27 mar 26 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian*

Giancarlo Guerrero Maestro

Pablo Sainz-Villegas Guitarra

Antonio Estévez

Mediodía en el llano

c. 8 min

Roberto Sierra

Sinfonia n.º 4

c. 25 min

1. *Moderadamente rápido*
2. *Rápido*
3. *Tiempo de bolero*
4. *Muy rápido y rítmico*

INTERVALO

Joaquín Rodrigo

Concierto de Aranjuez

c. 23 min

1. *Allegro con spirito*
2. *Adagio*
3. *Allegro gentile*

Alberto Ginastera

Danzas de Estancia, op. 8a

c. 13 min

1. *Los trabajadores agrícolas*
2. *Danza del trigo*
3. *Los peones de hacienda*
4. *Danza final: Malambo*

* Com participação de jovens músicos do Estágio Gulbenkian para Orquestra

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 min
INTERVALO DE 20 MIN

Joaquín Rodrigo

(Sagunto, 1901 – Madrid, 1999)

Concierto de Aranjuez

—

COMPOSIÇÃO 1939

ESTREIA Barcelona, 9 de novembro de 1940

DURAÇÃO c. 23 min

Este programa agrupa quatro compositores de gerações e países diversos, cujo elo de ligação é, evidentemente, a raiz hispânica da sua cultura e, conseqüentemente, da sua música, sendo que todos eles partilham uma estética que não nega, bem pelo contrário, realça, essas raízes. Partindo cronologicamente da obra mais antiga, o *Concierto de Aranjuez*, escrito pelo espanhol Joaquín Rodrigo em 1939, e uma das obras mais célebres no mundo, para além de ser o primeiro concerto moderno para guitarra, o programa inclui ainda o poema-sinfónico *Mediodía en el llano*, do venezuelano Antonio Estévez, escrito em 1942, as danças do bailado *Estancia*, do argentino Alberto Ginastera, outra célebre peça, escrita em 1943, e a atualidade do compositor porto-riquenho Roberto Sierra, com a sua Sinfonia n.º 4, escrita em 2009. Temos, assim, um apanhado da moderna e da contemporânea música espanhola e de raiz hispânica em quatro géneros maiores: o concerto, o poema-sinfónico, a sinfonia e o bailado, este na forma de uma suite orquestral, como é vulgar ouvir os bailados nas salas de concerto, isto é, sem a coreografia, e numa forma resumida que evita as redundâncias inevitáveis quando a lógica do enredo desaparece do tempo real.

O *Concierto de Aranjuez* merece, na nossa opinião, a constante atenção que guitarristas e público a ele têm dedicado desde o dia da estreia, a 9 de novembro de 1940 no Palau de la Música Catalana, em Barcelona, pelas mãos de Regino Sainz de la Maza com a Orquestra Filarmónica de Barcelona dirigida por César Mendoza Lasalle. Cego desde os três anos, Rodrigo escrevia numa máquina de Braille adaptada (sendo os seus esboços mais tarde transcritos para pauta tradicional pela sua mulher) e nunca viu sequer uma guitarra perante os seus olhos, pelo que a escrita para um instrumento já de si difícil para quem nunca o tenha tocado se lhe poderia ter afigurado impossível. No entanto, Rodrigo conseguiu ultrapassar todas as eventuais dificuldades e iniciou, com esta obra, uma série brilhante de peças para guitarra e orquestra, nomeadamente três concertos, ou obras concertantes, para uma guitarra, um quarto concerto para duas guitarras (*Concierto Madrigal*), e ainda um quinto concerto para quatro guitarras e orquestra (*Concierto Andaluz*), para além de inúmeras peças a solo, que fazem de Joaquín Rodrigo um dos principais compositores de sempre para esse instrumento.

O sucesso da obra tem sido também, de certa forma, a sua cruz. Como o *Bolero* de Ravel, ou *L'Apprenti Sorcier* de Dukas, o sucesso do segundo andamento do *Concierto de Aranjuez*, um evocativo *adagio* conduzido pela melancolia do corne-inglês, transformou Rodrigo num “compositor de obra única”, vendo relegada, na ideia do público, toda a sua restante produção para um plano quase irrelevante em termos de popularidade. E, se bem que

o *Concierto de Aranjuez* seja um milagre de equilíbrio, elegância, ideias melódicas e leveza orquestral, uma espécie de *Sinfonia Clássica* da guitarra, ainda assim não é tão superior a várias das outras obras concertantes de Rodrigo que justifique o quase olvido destas face ao *Aranjuez*.

Embora Rodrigo se tenha várias vezes referido às suas fontes de inspiração, sendo os jardins do Palácio Real de Aranjuez (século XVI) as mais notórias e evidentes (o concerto capturaria “a fragância das magnólias, o canto dos pássaros e os repuxos das fontes”), durante anos recusou-se a falar do andamento central, logo aquele que mais suscitava, como vimos, a curiosidade da imprensa e das multidões. A melancolia da música, aumentada pela sonoridade do corne-inglês, tradicionalmente associada à morte (Wagner, Sibelius), terá levado vários críticos a associarem o *adagio* ao bombardeamento de Guernica. Porém, e para além de Rodrigo nunca ter escrito, ou dito, nada referente a acontecimentos do seu país, políticos, sociais, ou outros fora do âmbito exclusivo da música, a sua esposa, a pianista Victoria Kamhi (1933-1997), revelará anos mais tarde, na sua autobiografia comum, *De la mano de Joaquín Rodrigo - História de nuestra vida*, que a verdadeira inspiração por detrás do concerto teria sido dúplice: por um lado, a felicidade da lua de mel do casal, que teria inspirado os andamentos rápidos, e por outro, no *adagio*, a imensa tristeza que Rodrigo, curiosamente ainda mais do que a própria mulher, terá sentido quando esta sofreu um aborto espontâneo quando da primeira gravidez.

De um ponto de vista puramente técnico, o *Concierto de Aranjuez* consegue uma fusão felicíssima entre neoclassicismo e folclorismo, entre tradição e modernidade, entre drama e humor, entre peso e leveza. É, sem dúvida, o mais significativo concerto da história da guitarra e, embora se discuta se foi mesmo o primeiro concerto moderno para o instrumento ou se foi antes o 1.º Concerto de Mario Castelnuovo-Tedesco a merecer essa honra (Tedesco estreou o seu primeiro, mas o período de composição de ambos é praticamente o mesmo), o que é certo é que o *Concierto de Aranjuez* arrasará toda e qualquer obra concertante para guitarra do seu tempo, mantendo essa supremacia ainda nos dias de hoje e sendo constantemente abusado em reclames, arranjos “kitsch”, cançonetas, transcrições para um só dedo, caixinhas de música, fundos de elevador, esperas telefónicas e por aí adiante, sina dos tempos que vivemos e da banalização dos objetos artísticos mais sublimes.

Antonio Estévez

(Calabozo, 1916 – Caracas, 1988)

Mediodía en el llano

—

COMPOSIÇÃO 1942

DURAÇÃO c. 8 min

Antonio Estévez só muito recentemente saiu do olvido a que foi relegado, pelo menos fora da sua Venezuela natal. Uma das razões desse renascer (muito devido ao maestro Gustavo Dudamel) tem sido este curto poema-sinfónico, andamento central de um tríptico original mais tarde descartado pelo compositor em favor de um trecho único, que retrata, como o título sugere, o meio-dia na planície venezuelana, ou “llano” (paisagem semelhante à “pampa” argentina), um momento do dia de calor abrasador e sol intenso, que cega. Assim, nas próprias palavras do compositor (que escreveu a obra em resposta a uma encomenda, ainda frequentava o 6.º ano de estudos, aos 26 anos), com o calor e a luz extremos, o tempo e o espaço parecem imobilizar-se. Não obstante essa imobilidade aparente, a vida continua, e podemos escutar ao longe pássaros e outros ruídos (dados pelas percussões, a celesta e o piccolo) que denunciam essa vitalidade natural. Ainda segundo o compositor, todas estas sensações foram por ele vividas durante a sua infância nos llanos venezuelanos, pelo que a obra possui um certo carácter autobiográfico. Não contando propriamente uma história, faz-nos ao invés sentir um momento de imobilidade que se prolonga durante os cerca de oito minutos que dura o poema. A influencia de Debussy é evidente, e talvez mais

ainda a do “Grupo dos Cinco”, sendo a cor local, curiosamente, pouco expressiva, ao contrário das restantes obras deste programa, que apostam fortemente nos folclores respetivos.

Alberto Ginastera

(Buenos Aires, 1916 – Genebra, 1983)

Danzas de Estancia, op. 8a

—

COMPOSIÇÃO 1941

ESTREIA Buenos Aires, 12 de maio de 1943

DURAÇÃO c. 13 min

Alberto Ginastera foi, de certa forma, o Aaron Copland da música argentina, no sentido em que formou uma sonoridade sul-americana moderna, mas muito atraente para o grande público, e a partir dos anos 60 expandiu a sua linguagem para englobar nela algumas novidades oriundas das vanguardas europeias, nomeadamente as inovações da Escola de Darmstadt (Boulez, Stockhausen), mas também as da Nova Escola Polaca (Penderecki, Lutoslawski). O bailado *Estancia* pertence à primeira fase da sua carreira, juntamente com a Sonata para Guitarra, provavelmente a sua obra mais célebre. Não por acaso, foi encomendado por uma companhia de dança norte-americana, que na mesma altura estava em viagem com *Billy the Kid*, de Copland (escrito em 1938). Copland e Ginastera conheceram-se, uma amizade formou-se, e surgirá desse encontro a encomenda de *Estancia*, bailado que, não por acaso, mostra a influência da música do seu célebre colega norte-americano, mais velho e experiente. No entanto, *Estancia* revela um orquestrador nato,

um compositor híper profissional que neste seu *opus* 8 consegue imediatamente captar a atenção dos ouvintes. O último número do bailado, *Malambo*, que também fecha a suite *Danzas de Estancia*, tornar-se-á até num “hit” por si só, sendo frequentemente tocado como extra, independentemente da suite do bailado ser ou não feita no mesmo concerto.

Roberto Sierra

(n. Vega Baja, 1953)

Sinfonia n.º 4

—

COMPOSIÇÃO 2008-2009

DURAÇÃO c. 25 min

Por fim, o compositor porto-riquenho Roberto Sierra é sem dúvida um dos mais significativos compositores dessa tradição hispânica, agora trazida para os nossos tempos. Galardoado com prémios *Grammy*, e muitas outras distinções, Sierra beneficiou do ensino de György Ligeti, compositor muito diferente, mas que nas últimas obras retornou ao uso do folclore como fonte de inspiração, mesmo que inserida numa escrita altamente especulativa. Temos, assim, na música de Sierra, um “cocktail” muito sedutor: Folclorista assumido, inclusive nos títulos das obras (Sinfonia n.º 3 “La Salsa”, *Fandangos*), uso de técnicas modernistas quando necessário, orquestração brilhante e colorida, e ritmos contagiantes, e temos a fórmula para um catálogo abundante e muito tocado, seja música de orquestra, seja de câmara, solos, vocal / coral. Sierra tem escrito também várias sinfonias que se inserem dentro

da tradição latina de um Carlos Chavez (*Sinfonia Índia*, por exemplo, 1935-36), tradição adaptada, como referi, ao nosso tempo. Predominantemente rápida, a Sinfonia n.º 4, no seguimento do sucesso da n.º 3, é uma das mais tocadas e divide-se nos quatro andamentos habituais, sendo que, como referimos, nenhum deles é muito lento, predominando uma certa vivacidade e exuberância caribenha. E, embora Sierra considere esta sinfonia com tendo um carácter dramático, parece-me que se trata de um dramatismo muito diferente do de, por exemplo, um Chostakovitch.

Nunca pessimista, sempre aspirando à luz, a obra termina numa peroração que junta brilho e alguma sombra sem que esta, no entanto, prevaleça.

NOTAS DE SÉRGIO AZEVEDO

Giancarlo Guerrero

Vencedor de seis prêmios *Grammy*, Giancarlo Guerrero destaca-se pela criatividade na escolha do repertório e na interpretação.

O seu entusiasmo é contagiante, levando os críticos a elogiar a precisão, o talento e o estilo vigoroso, apaixonado e subtil. Em 2025 iniciou a sua primeira temporada como Diretor Artístico e Maestro Principal do Grant Park Music Festival, em Chicago. Na presente temporada, assumiu também o cargo de Maestro Titular da Orquestra de Sarasota, na Flórida. É também Maestro Laureado da Sinfónica de Nashville, depois de dezasseis anos como Maestro Titular.

Como maestro convidado, os seus compromissos em 2025/26 incluem, além da Orquestra Gulbenkian, as Sinfónicas de Cincinnati e de Atlanta, a Eugene Symphony, a Grand Rapids Symphony, a Deutsches Symphonie Orchester Berlin e a Orquestra Nacional da Roménia.

Em temporadas recentes, dirigiu várias orquestras norte-americanas e europeias, bem como a Sinfónica do Estado de São Paulo, no Brasil, a Sinfónica da Nova Zelândia, a Sinfónica de Sydney e a Sinfónica de Queensland, na Austrália.

Giancarlo Guerrero foi Diretor Musical da NFM Filarmónica de Wrocław (Polónia), Maestro Convidado Principal da Orquestra de Cleveland e da Orquestra Gulbenkian, Diretor Musical da Eugene Symphony e Maestro Associado da Orquestra do Minnesota. Tem-se dedicado também às orquestras de jovens, colaborando com o Curtis Institute of Music (Filadélfia), a Colburn School (Los Angeles), a Juilliard School e a National Youth Orchestra (Nova Iorque), e a Yale Philharmonia.

Giancarlo Guerrero nasceu na Nicarágua, mas emigrou para a Costa Rica na infância. Estudou percussão e direção de orquestra na Baylor University, no Texas, EUA, tendo obtido o grau de Mestre em Direção de Orquestra pela Northwestern University.

Pablo Sainz-Villegas

Natural de La Rioja, Espanha, Pablo Sainz-Villegas vive atualmente nos EUA. Foi o primeiro guitarrista solista a tocar no Carnegie Hall de Nova Iorque desde Andrés Segovia e também o primeiro guitarrista a tocar no Concerto de Ano Novo da Filarmónica de Berlim, sob a direção de Kirill Petrenko. Desde a sua estreia com a Filarmónica de Nova Iorque e o maestro Rafael Frühbeck de Burgos, no Avery Fisher Hall do Lincoln Center, tocou em mais de 40 países e com orquestras como a Filarmónica de Israel, a Orquestra de Filadélfia, a Sinfónica de Chicago, a Orquestra do Tonhalle de Zurique, a Filarmónica de Munique e a Orquestra Nacional de Espanha. Apresentou-se no Musikverein de Viena, no Concertgebouw de Amesterdão, no Centro Nacional das Artes de Pequim, no Suntory Hall de Tóquio e no Teatro Colón de Buenos Aires, entre outros palcos. Entre os marcos mais notáveis, destacam-se o Concerto dos Prêmios Princesa das Astúrias e a sua participação na Gala da Metropolitan Opera no Palácio de Versalhes.

Artista socialmente comprometido através da sua associação sem fins lucrativos Strings in Common, tocou para milhares de crianças em todo o mundo. Além disso, é o fundador e Diretor Artístico do Festival de La Rioja e membro da Academia de Artes Cénicas de Espanha. Entre os compromissos para a temporada 2025/26, destacam-se: o seu regresso à Sinfónica de Chicago, com o maestro Riccardo Muti; a continuação da digressão de estreia de *Místico y Profano*, do compositor mexicano Arturo Márquez, com as Sinfónicas de Ottawa, Annapolis e Pacific; a estreia mundial de uma obra para quarteto de cordas e guitarra, de Andrea Casarrubios, com o Quarteto Agarita; e o novo projeto de música de câmara, *Spanish Night*, que estreará numa digressão pelos EUA.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea.

Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Maria Balbi CONCERTINO
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Paula Carneiro 1º SOLISTA*
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Catarina Ferreira
Catarina Resende
Margarida Queirós
Félix Duarte
Paula Carneiro*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Piotr Rachwał 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Ana Isabel Malheiro
Gonçalo Melo
Bernardo Barreira
Ricardo Vieira

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Artemis Balkiz
Joana Silva
Micaela Miranda
Milan Radocaj*
Dinis Campos*

VIOLONCELOS

Martin Henneken 1º SOLISTA
Simão Barreira 1º SOLISTA*
Raquel Reis 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Leonor Moniz
Tiago Mirra
Maria Nabeiro*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rêgo 2º SOLISTA
Marine Triolet
Luís Ferreira

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA
Mafalda Carvalho 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA | CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José María Mosqueda 2º SOLISTA | CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA
Raquel Saraiva 2º SOLISTA | CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Duarte Moreira 1º SOLISTA
Telmo Rocha 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA
Jorge Almeida 1º SOLISTA*
José Pedro Pereira 2º SOLISTA
Luís Campos 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA | TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA
Elmano Pereira 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA
Tomás Rosa 2º SOLISTA*
João Braga Simões 2º SOLISTA*
José Afonso Sousa 2º SOLISTA*
Pedro Araújo e Silva 2º SOLISTA*

HARPA

Beatriz Cortesão 1º SOLISTA*

PIANO / CELESTA

Bernardo Marques 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes

Estágio Gulbenkian para Orquestra 25/26

PRIMEIROS VIOLINOS

António Henriques
Clara Sobral
Francisca Ferreira
Hélder Soares
João Martins
José Maria Luís
Laura Pereira

SEGUNDOS VIOLINOS

Bárbara Paradela
Cláudia Amaro
Francisca Ribeiro
Guilherme Vieira Vinhas
Matilde Gonçalves
Miguel Lopes

VIOLAS

Alexandra Ramos
Clarisse Gomes
Diana Moreira
Francisco Salgado
Rafaela Riscado

VIOLONCELOS

Anna Mouradian
Beatriz Pereira
Cecília Lobato Reis
Sílvia Adolfo

CONTRABAIXOS

Daniel Chaves
Maria Calado
Mário Ferreira

FLAUTA

Inês Alves

OBOÉ

Beatriz Barros

CLARINETES

Gonçalo Pires
Maria Inês Arezes

FAGOTES

João Pereira
Sofia Fernandes

TROMPAS

Diogo Ferraz
Gustavo Marques
Hugo Dias
Ivan Branco

TROMPETES

Diogo Couto
Miguel Vilarinho

TROMBONES

Duarte Neiva
Tomé Correia

PERCUSSÃO

Francisco Franca
João Gomes

TUTORES

Ana Beatriz Manzanilla CORDAS AGUDAS

Manuel Rêgo CORDAS GRAVES

Vera Dias MADEIRAS

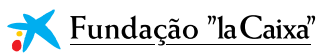
Sergi Miñana METAIS

Tomás Rosa PERCUSSÃO

Catarina Lobo COORDENAÇÃO GERAL E DE PRODUÇÃO

Inês Madeira Lopes PRODUÇÃO

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



